

CULTO DESAGRADÁVEL A DEUS

A denúncia profética da falsa religião em Is 1,10-20

Jaldemir Vítório

Resumo

O estudo de Is 1,10-20 tem como objetivo explicitar a denúncia profética do culto que não agrada a Deus. A reflexão parte da identificação dos personagens da perícopa isaiana – Deus e seus adoradores – e suas relações, para mostrar como, na Bíblia, religião e ética se interligam. Culto sem ética é culto vazio, portanto, Deus não o aceita, embora possa impressionar pela imponência. O culto verdadeiro exige conversão dos adoradores. A conversão, nesse caso, acontece como prática do direito e da justiça, no trato com os mais fracos da sociedade. O profeta alude à paciência divina com os falsos adoradores, na esperança de mudarem de vida e se tornarem aptos para o culto agradável a Deus, iniciado com a misericórdia em favor dos irmãos fragilizados.

Palavras-chave: Profeta Isaías. Culto. Ética. Direito. Justiça. Misericórdia. Conversão.

Abstract

The study of Is 1,10-20 has, as a goal, to make explicit the prophetic denunciation of unpleasant worship to God. The reflection from the beginning identifies the two characters of this story from the Isaiah's text – God and his worshippers – and their connections showing how, in the Bible, religion and ethics are interconnected. Worship without ethics is an empty form of worship, thus, God does not accept it, even when it does impress us because of its grandeur. True worship demands internal conversion from its participants. This internal conversion expresses itself as a practice of defending the rights and justice, for the weakest and most vulnerable of society. The prophet alludes to God's patience with the false worshippers, in the hope that the external worship that they offer will become an internal sacrifice of charity offering true worship of God. This starts by showing mercy towards the most vulnerable.

Keywords: Prophet Isaiah. Worship. Ethics. Right. Justice. Mercy. Conversion.

O fenômeno recente da multiplicação descontrolada de templos das mais diferentes religiões recoloca a questão do culto agradável a Deus. Mesmo uma análise superficial detecta, na sociedade, a forte presença da religiosidade que desmente os anunciadores da morte de Deus e o desaparecimento da religião no horizonte dos interesses humanos. Entretanto, essa efervescência religiosa pode confirmar, no pensar de muitos, a tese marxista da religião como “ópio do povo”. Ou, a visão psicanalista da religião como projeção do inconsciente, válvula de escape para as carências profundas de vasta faixa da população, de modo especial, as camadas mais pobres, em busca de afirmação social e solução de seus dramas. Outros, numa vertente sociológica, veem a religião como tuteladora das pessoas ao lhes impor normas rígidas para o agir social, além de símbolos exteriores de identidade.

Uma leitura teológica mais apurada levanta muitas questões. A mais radical consiste em se perguntar pela imagem de Deus subjacente às múltiplas manifestações religiosas. Que Deus – ou deuses – afinal é cultuado? Qual a qualidade do culto que lhe é prestado? As religiões têm desdobramentos ético-sociais ou se limitam ao espaço sagrado das igrejas e dos templos? A religião toca o mais profundo dos indivíduos, gerando verdadeira conversão e criando nova mentalidade, movendo-os a se empenhar na transformação social? Um ponto incontornável é o tema da salvação, pois quem procura as religiões, em algum momento, está preocupado em se salvar. Daí a pergunta: Que salvação as religiões prometem e anunciam? Que exigências se colocam como caminho para a salvação?

Outro bloco de questões toca a religião em tempos de neoliberalismo e pós-modernidade. As religiões e as igrejas teriam se adaptado à economia de mercado, onde tudo se torna objeto de compra e venda e de lucro, bem divulgado pela propaganda e planejado pelas empresas de *marketing*? Por outro lado, o individualismo estaria criando religiões segundo o gosto dos indivíduos; dito de outro modo, levando as pessoas a “criarem deuses à sua imagem e semelhança”? As religiões teriam perdido a objetividade, estando à mercê do querer e da inventividade dos líderes religiosos? Que pensar de uma igreja ou de uma religião “produzida” pelo viés do sentimento e das emoções?

A crítica à religião não é de data recente na história da humanidade. O profeta Isaías, no século VIII a.C., percebeu os desvios da religião praticada por seus contemporâneos. E a denunciou duramente! A análise de sua pregação oferece pistas para se julgar o atual fenômeno religioso. Com lucidez teológica, o profeta deu-se conta de que o culto pomposo praticado no Templo de Jerusalém era desagradável a Deus. Enganava-se quem pensava agradar a Deus com belas liturgias. O Deus do profeta esperava coisas muito distintas de seus adoradores.

A leitura de Is 1,10-20 contém elementos de crítica cultural, úteis para os cristãos e as cristãs em busca de fidelidade ao Deus de sua fé, o Deus de Jesus de Nazaré, na contramão das expressões cúlticas de tantas igrejas que se autoproclamam

crístãs. As palavras proféticas revelam-se de extrema atualidade, como se, ao longo de milênios, se tivesse mantido intata a pretensão humana de agradar a Deus, embora a vida dos adoradores esteja desconectada do querer divino. Quiçá, deixando-se questionar pelo profeta de outrora, surja um culto deveras agradável a Deus, onde a religião seja respaldada por uma vida eticamente consistente.

A reflexão em torno do texto de Isaías seguirá os seguintes passos: o primeiro consistirá em explicitar alguns elementos do texto isaiano, importantes para compreender a mensagem que veicula; o segundo tem o objetivo de identificar os personagens principais, Deus e seus adoradores, explicitando como se relacionam; o terceiro mostra como, na Bíblia, a religião liga-se estreitamente à ética; o quarto centra-se no tema da conversão como pressuposto para o culto e explica o significado de conversão nesse contexto preciso; o quinto aborda o tema da paciência de Deus com os falsos adoradores e sua expectativa de que mudem de vida.

1. O oráculo de Is 1,10-20 e seus componentes literários

A perícópe isaiana parece bem delimitada, se a consideramos querela judiciária (*riḇ*) (cf. Alonso Schökel-Sicre Diaz, 1998, p. 119)¹. Porém, há quem a reduza aos versículos 10-17². O corte literário entre os versículos 9 e 10 é perceptível, embora tenham um elemento em comum. O v. 9 conclui uma longa acusação divina contra o povo infiel que despreza o Santo de Israel e se afasta dele (v. 4), tendo como resultado a destruição, semelhante à de Sodoma e Gomorra. A alusão a Sodoma e Gomorra ocorre, também, no v. 10. Assim, a nova perícópe – v. 10-20 – torna-se uma espécie de continuação da perícópe anterior – v. 3-9.

O v. 2 é introduzido com o imperativo “ouvi” (*šim ‘û*); da mesma forma a nova perícópe iniciada no v. 10³. Seriam duas acusações sucessivas de Deus contra o povo infiel. A primeira querela judicial (*riḇ*) começa com a convocação das testemunhas: “Ouvi, ó céus, presta atenção, ó terra, porque Iahweh está falando” (v. 3). A segunda segue na mesma direção, como *torah*, orientação, mas com ares de cena de tribunal: “Ouvi a palavra de Iahweh, chefe de Sodoma, prestai atenção à instrução de nosso Deus, povo de Gomorra!” (v. 10). No primeiro caso, Deus acusa indiretamente o povo diante das testemunhas, os céus e a terra; no segundo,

1. Bratcher apresenta argumentos consistentes para justificar a unidade de Is 1,10-20, bem como sua estruturação interna: 10,11-12.13-15.16-17.18-20. Por outro lado, classifica a perícópe como *riḇ*. “Embora a aliança nunca seja mencionada nessa passagem, sua linguagem legal deve ser considerada sobre o pano de fundo do conceito de aliança entre o povo e Deus” (BRATCHER, 2015).

2. Muitos estudiosos consideram que a perícópe se conclua com o v. 17, pois, “1) os versículos 10-17 oferecem sentido perfeito, e se não tivéssemos 18-20, ninguém sentiria falta deles; 2) os versículos 18-20, por si sós, têm pouco ou nenhum sentido” (SICRE, 1990, 264).

3. “Devido à sua íntima conexão, nesse contexto, com ‘palavra [*dbr*] de Yahweh’ e ‘instrução [*torat*] de nosso Deus’ a palavra ‘ouvir’ [*sm*] significa mais que audição física. Ela inclui a ideia de responder ou obedecer ao que é ouvido. ‘Ouvir’ realmente a palavra de Yahweh é obedecê-la” (BRATCHER, 2015).

a acusação é feita diretamente à liderança e ao povo infiel. A primeira rodada de acusações é mais geral; a segunda é mais específica.

A declaração “Eis o que a boca de Iahweh falou” (v. 20) encerra a segunda rodada de acusações, iniciada no v. 10, e abre espaço para nova rodada, iniciada no v. 21, com uma espécie de exclamação-constatação retórica: “Como se transformou em prostituta a cidade fiel!” Este novo bloco dá continuidade às acusações fortes, contidas nas duas perícopes anteriores, de modo que “enquanto essa secção forma uma unidade completa e independente, está intimamente ligada, quanto à forma e ao tema, ao resto do capítulo” (BRATCHER, 2015).

A dinâmica literária de Is 1,10-20 é bem esquemática. O v. 10 corresponde à convocação dos acusados para serem denunciados cara a cara. O acusador – Deus – tem-nos diante de si. Os v. 11-15 comportam a denúncia das faltas, feita de forma detalhada e concreta para não dar margem a uma eventual acusação de falsa testemunha. Os v. 16-17 são surpreendentes, pois, quando se esperava o anúncio do castigo, aparece uma admoestação que pode reverter a dinâmica do processo. O próprio acusador aponta as atitudes esperadas dos acusados, na eventualidade de quererem se livrar da sanção por suas faltas. O v. 18 expressa a disposição do acusador de mudar de parecer e perdoar totalmente os acusados se se dispuserem a se converter. O texto original comporta um imperativo – “Vinde!” (*lekû-na*) – e a intenção divina de discutir com os acusados – “e pleitearemos” (*weniwakḥah*). Os v. 19-20 explicitam as duas possibilidades diante da proposta do acusador – obediência ou rebelião – e as respectivas consequências. O final do v. 20 serve de conclusão para o conjunto.

Portanto, o imaginário de Is 1,10-20 é o de um tribunal onde Deus acusa, sem meias-palavras, seus adoradores e dá mostras evidentes de desagrado com o culto que lhe é prestado.

2. Deus e seus adoradores: uma relação problemática

O texto profético articula-se como denúncia de Deus contra seus adoradores. A leitura atenta de Is 1,10-20 revela a identidade dos fiéis adoradores, bem como a identidade do Deus a quem cultuam. A incompatibilidade entre eles se mostrará patente.

2.1 Os produtores do culto vazio

O v. 10 comporta dois vocativos reveladores da identidade dos adoradores do Deus de Israel, no Templo de Jerusalém. Falando em discurso direto, Isaías chama-os de “chefes de Sodoma” e de “povo de Gomorra”⁴. O profeta tem diante

4. Sodoma e Gomorra haviam sido aludidas no versículo anterior (v. 9).

de si aqueles a quem denuncia. Fala-lhes cara a cara. Trata-se de uma clara evocação de Gn 19,1-29, que narra a destruição de Sodoma, cujo povo, “desde os jovens até os velhos, todo o povo sem exceção” (Gn 19,4) corrompeu-se, a ponto de fazer o que é abominável aos olhos de Deus (cf. Lv 18,22) e, por isso, recebeu a devida punição (cf. Lv 20,13)⁵. Os ouvintes e os futuros leitores já podem fazer uma ideia do que está para acontecer. Todavia, “Jerusalém está pervertida, não pelos seus desvios sexuais, mas pelos desvios culturais” (SICRE, 1996, p. 398)⁶.

Os indivíduos são as “autoridades” (*qešinim*) e o “povo” (*‘am*), ou seja, o povo e sua liderança. Entretanto, no decorrer da fala do profeta, será possível identificar melhor de que “povo” se trata. Não será o povo na sua totalidade, mas só uma parte⁷. Qual? A porção da sociedade constituída pelos ricos, produtores de um culto magnífico, porém, com um grave defeito: ser desagradável a Deus, pois os adoradores têm as mãos sujas do sangue da injustiça (cf. v. 15)⁸. “O setor rico e poderoso de Jerusalém é o que se compara com Sodoma e Gomorra. Com isso se salienta seu pecado e fica clara a possibilidade de castigo divino” (SICRE, 1990, p. 265).

Eis alguns indicativos da categoria socioeconômica dos adoradores denunciados por Isaías. (a) Os sacrifícios oferecidos a Deus são muitos (v. 11 – *rob*). Para Deus, eles são “mão aberta” e se mostram generosos e desapegados. Não se importam de dar a Deus o que têm de bom e de melhor, pois Deus é merecedor. Na visão religiosa da época, a riqueza erasinal inquestionável da bênção divina. Ser rico significava ser abençoado. Portanto, os ricos adoradores davam a Deus o que dele haviam recebido. Se receberam muito, deveriam dar muito. Daí o culto hiperbólico que praticavam!⁹ (b) Eles ofereciam “carneiros, gordura de bezeros cevados, sangue de touros, de cordeiros e de bodes” (v. 11). Estas eram as ofertas

5. Em Gn 19,1-29, a “sodomia” foi expressão de desrespeito ao dever de hospitalidade (cf. Jz 19,22-30). Os maltratos infligidos ao hóspede atingem diretamente a Deus. No caso de Sodoma, esta falta agravou-se pela forma como o dever de hospitalidade foi violado. Am 4,11 e Is 1,9.10 falam em Sodoma e Gomorra, enquanto Dt 29,22 acrescenta Adama e Seboim e Os 11,8 refere-se apenas a essas duas últimas cidades.

6. “Isaías não vê a corrupção da capital na linha sexual daquelas duas cidades (Gn 19). Se assim tivesse exposto, teria encontrado a aprovação de muitos de seus ouvintes. Ele, porém, fixa-se em algo diverso, desconcertante para os israelitas piedosos” (SICRE, 1990, p. 265-266).

7. A partir do reinado de Davi, YHWH tornou-se “o deus da monarquia e da dinastia regente. Mas o culto popular em diferentes níveis sociais não foi afetado diretamente pelo culto estatal” (GERSTENBERGER, 2014, p. 434).

8. Com toda certeza, o rei e sua corte estavam na mira do profeta. Afinal, “culturalmente, a monarquia legitimou sua dominação social por meio de um culto oficial que apresentava o rei como o representante terreno divinamente escolhido de Iahweh, o Deus nacional de Israel” (LOWERY, 2004, p. 310).

9. A primeira etapa da pregação de Isaías, no século VIII a.C., no final do reinado de Ozias (781-740) durante o reinado de Joatão (740-736), aconteceu em tempo de bem-estar e de propriedade em Judá. O culto suntuoso era expressão da realidade econômica dos privilegiados.

dos ricos (cf. Mq 6,6-7), enquanto as ofertas dos pobres consistiam em rolas ou pombinhos (cf. Lv 5,7; 12,8; Lc 2,24). (c) Os denunciados por Isaías correspondiam à classe dos opressores, sem compaixão com os órfãos e as viúvas (v. 17)¹⁰. Era a elite, a classe alta de Jerusalém, a “Cidade de Deus”, pois “no período pré-exílico havia no máximo um culto estatal de YHWH, sob a regência do rei” (GERSTENBERGER, 2014, p. 387).

O alto grau de “piedade” dessa gente chama a atenção. Além das oferendas (*minḥah*), sacrifícios (*zebah*) e holocaustos (*‘ola*), feitos sem limites, os adoradores de Deus o festejavam por ocasião das luas novas (*ḥodesḥ*) e dos sábados (*šabbat*), como forma de culto (*miqra*) a Deus (v. 13-14)¹¹. E, mais, eram dados à oração; era “gente de oração” (v. 15), cumpridores das leis rituais que, entre outras coisas, ordenava, falando em nome de Deus: “Ninguém compareça de mãos vazias diante de mim!” (Ex 23,15; 34,20; Dt 16,16). Mãos cheias de bens materiais; corações vazios de justiça!

É possível imaginar a grandiosidade e a suntuosidade do culto no Templo, pois “culto e corte estavam inexoravelmente vinculados” (LOWERY, 2004, p. 311)¹². Tudo feito para honrar a Deus. Liturgias maravilhosas de encher os olhos, dignas de um grande Deus! Por que, então, Deus rejeitava tudo isso?

2.2 *Um Deus enojado com a falsidade de seus adoradores*

O profeta serve-se da linguagem antropomórfica e antropopática para falar de Deus¹³. Descreve-o como um Deus farto com o culto que lhe é prestado; totalmente inconformado com a forma equivocada com que é tratado. Afinal, seus adoradores pensam que se deixa agradar com a magnificência do culto e os gestos de piedade, quando, de fato, acontece o contrário: tudo aquilo lhe provoca náusea!

O profeta coloca na boca de Deus as palavras de condenação de seus adoradores. Deus mesmo declara não dar o menor valor aos sacrifícios que lhe são

10. “Isaías não é o primeiro profeta a interessar-se pelo trágico destino dessas duas categorias. Antes dele outros tiveram esta preocupação no Antigo Oriente e em Israel. A lei do Código da Aliança: ‘Não explorarás viúvas nem órfãos’ (Ex 22,21) é anterior a Isaías” (SICRE, 1996, p. 400).

11. A descrição detalhada de cada prática cultural no Templo de Jerusalém encontra-se em (WILLI-PLEIN, 2001, p. 67-89).

12. “O rei construía santuários, instituía e gastava impostos de culto, usava os tesouros do templo conforme os eventos políticos, nomeava e destituía sacerdotes, erigia e demolia objetos de culto e definia as funções sacerdotais. O rei era a figura singular mais importante na vida cultural da nação” (LOWERY, 2004, p. 311).

13. A linguagem antropomórfica fala de Deus como se fosse um ser humano; a linguagem antropopática atribui-lhe sentimentos humanos.

oferecidos e, mais, estar farto e não ter qualquer prazer com tudo aquilo (v. 11). Portanto, tudo quanto seus adoradores faziam era inútil, sem qualquer valor. Pensando agradar a Deus, de fato, o desagradavam profundamente¹⁴.

O que faziam como obrigação religiosa, pois assim prescrevia a Lei de Moisés (cf. Dt 12,5-6), tornava-se dispensável. Era como se o próprio Deus abolisse o mandamento que havia dado e dissesse: “Eu não pedi para vocês virem na minha casa!” ou, então, “Vocês são presenças indesejáveis; podem ir embora!”¹⁵ O texto revela a frustração de Deus. Ele mesmo escolheu o lugar para encontrar seu povo; todavia, tinha diante de si pessoas desagradáveis, que não considera seus legítimos adoradores. Quiçá sejam seus bajuladores! Porém, não lhe interessam as bajulações e, sim, algo muito distinto.

A declaração do v. 13 é peremptória: “Não posso suportar falsidade e solenidade”. As muitas festas, pretendendo ser manifestações de fé, não estavam respaldadas pela vida. Eram pura aparência! Daí o enfado de Deus, que detesta tudo aquilo, considerando o culto um fardo, o qual está cansado de carregar, por não lhe dizer respeito e não lhe interessar (v. 14).

Quando os adoradores estendiam as mãos para os céus e fazem belas orações, pretendendo estar falando a um Deus atento para escutá-los, na realidade, não sabiam que lhes havia dado as costas e desviado os olhos para não vê-los. “Ainda que multipliqueis a oração não vos ouvirei” (v. 15). Por conseguinte, eram orações inúteis, incapazes de chegar aos ouvidos de Deus, que os tapava para não escutá-las. Seu foco era o coração dos adoradores; pouco lhe importavam as exterioridades. Só quem tem as mãos limpas e coração puro está apto para prestar um culto agradável a Deus¹⁶.

Havia algo na postura dos adoradores que invalidava suas ações cultuais e causavam irritação em Deus. Entretanto, Deus se dispunha a mudar de atitude se houvesse, da parte dos adoradores, sincera conversão. “Então, sim, poderemos discutir” é a predisposição divina (v. 18). Converter-se correspondia a obedecer a Deus (v. 19). Em que consistia, pois, no querer divino, a conversão pela obediência?

14. “O que o profeta critica não é o culto em si, mas aquele que vem acompanhado de iniquidades e injustiças, aquele que ocorre sem levar em conta as pessoas que sofrem e estão oprimidas a nosso redor. Oprimidas precisamente pelas pessoas que acorrem ao templo” (SICRE, 1990, p. 272).

15. Atualizando o texto profético, podemos ouvir Deus dizendo, hoje, para muitas pessoas religiosas: “Quem pediu para vocês virem à missa?”; “Quem pediu para vocês virem ao culto?” ou “Quem pediu a vocês para fazerem essas reuniões de oração barulhentas e essa gritaria?” E mais: “Podem ir embora; não tenho nada a ver com vocês!”

16. Cf. Sl 24[23],3-4.

3. Ética e culto: duas faces da mesma moeda

A religião bíblica, desde os seus primórdios, caracterizou-se pelo viés ético. A fé de Israel alicerça-se numa experiência histórica de libertação. “Iahweh disse: ‘Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso descí a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel’” (Ex 3,7-8). A teologia bíblica fundamental fala de um Deus libertador, solidário com um povo oprimido e decidido a descer de sua santa habitação para tirá-lo da terra da opressão e dar-lhe uma terra onde possa viver como povo de irmãos e de irmãs. Portanto, um Deus de propósitos éticos, que não suporta a injustiça cometida contra os pequeninos e os fracos. “Os profetas de Israel chamaram a atenção para o papel secundário do culto, na relação com a ética. Deus não se agrada com os sacrifícios e holocaustos, quando a vida do fiel está em descompasso com o seu querer. Só a correta relação com o próximo, baseada no direito e na justiça, dispõe o crente para o culto verdadeiro” (VITÓRIO, 2015).

Esse fato, fundamento da fé bíblica, foi muitas vezes recordado pelo legislador deuteronomista¹⁷. Ao codificar as leis de Israel, referia-se a “Iahweh vosso Deus, que vos fez sair da terra do Egito e vos resgatou da casa da escravidão” (Dt 13,6). Um Deus assim jamais pactuará com injustiça e maldade de espécie alguma, muito menos, por parte de seus adoradores¹⁸. Aqui se explica por que Deus rejeita o culto que lhe é prestado: fora do espaço cultual, seus adoradores fazem coisas abomináveis a seus olhos. Equivocam-se ao pensar Deus limitado ao espaço do Templo, alienado do que se passa na vida do povo. A teologia distorcida dos adoradores produzia um culto distorcido. Quando pensavam estar na presença de Deus, apenas, no contexto do culto, não se davam conta de que toda sua vida estava diante dele. Ele via tudo quanto faziam, não suportando a esquizofrenia entre culto e vida. Antes, o culto deveria ter o respaldo da vida e a vida ser um desdobramento do culto. O culto prestado a Deus haveria de se prolongar no modo de tratar o próximo, de modo especial, os mais frágeis da sociedade. O espaço cultual deveria ser correlacionado com o mundo, sem se estabelecer cisões entre um e outro. Portanto, a adoração verdadeira tem continuidade no dia a dia. A descontinuidade com a vida invalida o culto. Ser piedoso diante de Deus e ímpio no modo de proceder com o semelhante é impensável na religião bíblica. A piedade demonstrada no culto deve ser a mesma que se tem com o irmão ou

17. O chamado Código Deuteronomico está contido em Dt 12-26.

18. Am 1,3–2,3 comporta uma série de oráculos contundentes contra as nações vizinhas de Israel, sinal de que Deus não tolera a injustiça, em hipótese alguma, tanto a praticada por seu povo eleito quanto a praticada por outros povos.

a irmã carente. Não são duas realidades distintas! Antes, são dois momentos de uma única experiência¹⁹.

No texto de Isaías, Deus lança em face a seus adoradores uma terrível denúncia: “Vossas mãos estão cheias de sangue!” (v. 15). Certamente, Deus não está descontente porque rezavam com as mãos sujas com o sangue dos sacrifícios e holocaustos que ofereciam. O descontentamento se deve às mãos sujas do sangue dos inocentes explorados, maltratados e pisoteados por eles²⁰. Quem maltratava os preferidos e protegidos de Deus tinha a ousadia de rezar sem peso na consciência, na ilusão de ser escutado. A má conduta no trato com os irmãos e as irmãs impotentes para fazer valer seus direitos invalidava suas orações. A oração do injusto e a do prepotente tornam-se palavras vãs! “Isaías lembra que não há melhor forma de agradar a Deus do que a de interessar-se pelas pessoas que ele mais ama” (SICRE, 1990, p. 271).

Deus mesmo indica uma série de exigências éticas como pressuposto para o culto verdadeiro: cessar de fazer o mal, aprender a fazer o bem, buscar o direito, corrigir o opressor, fazer justiça ao órfão e defender a causa da viúva (v. 16-17). Elas têm um fundo comum; é como se falassem a mesma coisa, sob vários aspectos.

Deixar de fazer o mal e fazer o bem só é possível para quem se pauta pelo direito (*mišpaṭ*). Direito pode ser entendido como o projeto de vida do Deus de Israel para seu povo²¹. Portanto, havia uma pauta de ação – ética – estabelecida por Deus, a ser conhecida e praticada por seus adoradores. As normas litúrgicas eram, pois, secundárias em relação às normas éticas²². Essas tinham primazia em relação àquelas. Lembrar-se daquelas e se esquecer dessas era uma forma de inutilizar qualquer culto, por mais primoroso que fosse. Nenhuma liturgia se mantém de pé diante das injustiças praticadas por quem pretende mostrar afeto a Deus. Quem tem o direito – o querer divino – como baliza de seu agir, jamais praticará o mal.

O v. 17 pode dar a impressão de que os adoradores de Deus, denunciados pelo profeta, não praticavam a injustiça diretamente. Sua falha consistia em se omitir diante da maldade dos opressores. Daí a advertência divina: “Corrigi o opressor!” (*’ašrû ḥamaš*). Nesse caso, não podiam ser imputados de uma malda-

19. “Contra uma tendência de séculos, onde os seus seguidores sempre de novo insistiam em estabelecer cultos e cerimônias sacrais e sacralizados, o Deus de Israel se mantém indiferente a tais cerimônias e as rejeita, quando elas se sobrepoem à preocupação com a vida das pessoas humanas” (BLANK, 2002, 46).

20. “Sangue”, aqui, é “símbolo de culpa”, “símbolo de violência” (cf. BRATCHER, 2015).

21. A Bíblia comporta três blocos de códigos de leis, formulados segundo o gênero literário jurídico. São eles: o Código da Aliança (Ex 20,22–23,19), o Código de Santidade (Lv 17–26) e o Código Deuteronomista (Dt 12–26). Neles está codificado o direito (*mišpaṭ*) de Israel, pelos qual todos os israelitas deveriam se pautar.

22. Este é o sentido de Os 6,6 e Mt 23,23.

de cometida por outros. Deus, porém, exigia que se tornassem defensores dos órfãos e das viúvas, de modo a não serem vítimas da exploração. Seu pecado, então, consistia em fazer vistas grossas para a injustiça²³. Seus olhos estavam ocupados em olhar para Deus, de modo a não terem tempo para ver o que se passava com os membros mais fragilizados da comunidade. Fazer justiça ao órfão e defender a viúva consistia em defendê-los contra seus opressores e não permitir que fossem vítimas da crueldade alheia. Em outras palavras, significava assumir suas dores e libertá-los da tirania dos opressores, como fizera Deus, no passado, com Israel oprimido no Egito.

Entretanto, a omissão não era menos grave do que fazer o mal com as próprias mãos. Daí a denúncia divina de que os adoradores estavam com as mãos cheias de sangue. Ver o próximo ser oprimido e cruzar os braços corresponde a pactuar com a má ação e, de certa forma, tornar-se responsável pela maldade praticada por outrem. Deus vê tanto a má ação do opressor quanto a omissão de seu fiel. Resultado: quando esse lhe presta culto, vira-lhe as costas.

Um fato grave da denúncia profética é que, sendo ricos, os falsos adoradores, com certeza, estavam em condições de tomar as dores dos oprimidos, dos órfãos e das viúvas. Estava em seu poder fazê-lo; se não o faziam é porque seu coração se fechara ao sofrimento alheio, e sua fé era de tal modo desviada a ponto de ser incapaz de abrir-lhes os olhos e torná-los solidários com as vítimas da injustiça. Falta gravíssima aos olhos de Deus!

A atenção dada ao órfão (*yatom*) e à viúva (*'almanah*), na tradição profética, deve-se ao fato de serem protótipos dos fracos e dos vulneráveis da sociedade. Por isso, a Lei mosaica busca, de maneira especial, protegê-los (cf. Ex 22,21-22; Dt 10,18; 14,29; 24,7; 27,19). A tradição sapiencial, por sua vez, cunhou uma série de ditados que expressam uma consciência a ser cultivada pelo povo no tocante à atenção divina para com os pobres e os fracos da sociedade (cf. Pr 15,25; 23,10-11; Sl 68[67],6; 146[145],9).

A denúncia do profeta Isaías mostra como, no seu tempo, os ricos adoradores de Deus tornaram-se impermeáveis a esse elemento constitutivo da fé judaica. E não percebiam a contradição existente entre o culto faustoso prestado a Deus e a insensibilidade diante das injustiças cometidas contra as camadas mais desprotegidas da sociedade. Como Deus poderia estar feliz com a religiosidade dos ricos se acobertava e mascarava a injustiça e seus agentes? Como poderia aceitar o culto de quem se mostrava piedoso diante dele, embora impiedoso com os empobrecidos e marginalizados? Como poderia não se revoltar com a falsidade de quem o apresentava como o deus dos poderosos, e insensível ao sofrimento dos

23. O pecado do rico, na parábola evangélica, consistiu em ignorar Lázaro e não em hostilizá-lo. Para o rico era como se o pobre não existisse (cf. Lc 16,19-31).

órfãos e das viúvas?²⁴ “Deus rejeitou os sacrifícios porque foram oferecidos por um povo que não reconheceu a própria indignidade” (BRATCHER, 2015)²⁵.

A teologia do profeta Isaías, por ligar fé e justiça, caminhava na contramão da teologia dos adoradores de um deus alienado da realidade, que compactua com a falsidade de seus adoradores. Daí suas palavras duras contra o culto desagradável a Deus, causador de repugnância nas entranhas divinas. “Na polêmica dos profetas, uma coisa é tão evidente que todos os autores a sublinham: o povo não pode – e não deve – reduzir as exigências de Yahvé ao culto do templo. Os reis, junto com a classe dirigente, o querem assim para reinar sozinhos e deter o poder político à revelia da exigência da justiça de Yahvé que eles próprios deveriam, prioritariamente, praticar” (KÜHN, 1986, p. 283).

4. Conversão, exigência para o culto verdadeiro

Deus mantém uma porta aberta para seus falsos adoradores, com uma exigência: que se convertam. “Lavai-vos, purificai-vos! Tirai da minha vista vossas más ações” (v. 16) é o pré-requisito para que sejam aceitos os muitos sacrifícios e ofertas dos falsos adoradores. Sem isto, continuarão a perder tempo com um culto insensato, por ser prestado a um Deus que já declarou rejeitá-lo.

O banho em vista da purificação, nesse caso, nada tem a ver com os banhos rituais, largamente praticados em vista da reconciliação com Deus com a eliminação das impurezas religiosas (cf. Lv 15). A continuação do v. 16 e o v. 17 deixam claro do que se trata. Purificar-se significa tirar da vista de Deus as más ações, abraçar a prática do bem, pautando-se pelo direito, e não permitir que os órfãos e as viúvas, as parcelas mais indefesas da sociedade, fossem oprimidas pelos malvados (cf. Is 1,23; 10,2).

A conversão, portanto, tem um claro viés de justiça social. À primeira vista, nada tem de imediatamente religioso, como seria de se esperar. Nenhuma correção nas liturgias do Templo, tampouco crítica à qualidade dos animais sacrificados ou insuficiência na quantidade das oferendas. A exterioridade do culto não estava em questão e, sim, a interioridade dos adoradores. Esta, sim, carecia de conversão, para que o culto fosse agradável a Deus.

24. “Nestes pleitos, o Senhor coloca uma questão central: a relação entre culto e justiça social; não se trata de dois problemas ou de duas atividades, mas o problema está na sua relação. Tampouco se opõe culto formalístico a culto sincero: é esta uma falsa interpretação, de ascendência pietista em alguns casos, de sentimentos anticlínicos em outros. O texto é claro: enquanto o povo viver na injustiça, todo o culto está viciado [...]” (ALONSO SCHÖKEL-SICRE DIAZ, 1998, p. 120-121).

25. “Não é o culto a Deus em si que está sendo rejeitado, mas toda a ideologia que usa o culto para encobrir interesses de poder, interesses ideológicos e até interesses econômicos ou religiosos. Um culto que não conscientiza para aquilo que é o verdadeiro interesse de Deus, a vida humana, um tal culto, está sendo declarado falso” (BLANK, 2002, p. 47).

O passo a ser dado consistia em compreender que o acesso a Deus, por meio do culto e da oração, pressupõe a comunhão solidária com os últimos deste mundo, os que não têm ninguém por eles. Sendo eles os preferidos de Deus, a comunhão com Deus começa com a solidariedade, expressa nos gestos concretos em defesa dos pequenos e oprimidos. “Não existe forma melhor de agradar a Deus do que interessar-se pelas pessoas que Ele mais ama” (SICRE, 1996, p. 400). Nada de boas intenções ou desejos piedosos! A conversão mostra-se por atos em favor dos oprimidos e marginalizados, à semelhança do Deus apiedado pelo Israel vítima da opressão egípcia, a quem desce para libertar e oferecer a chance de viver com dignidade.

A conversão na religião bíblica é entendida como passagem do egoísmo e da falta de solidariedade ao cuidado com a sorte dos pequenos e oprimidos da sociedade. Este movimento de caráter ético possibilita o encontro com Deus, em dois tempos: primeiro na pessoa do irmão e da irmã necessitados e, depois, na experiência cultural. O primeiro tempo é condição indispensável para o segundo. Sem o encontro com Deus na pessoa do semelhante necessitado, qualquer outro tipo de encontro será inviabilizado. Portanto, na base da verdadeira religião e do verdadeiro culto, está a vida do adorador de Deus eticamente orientada. Daí, sim, pode brotar um culto agradável a Deus!

5. A paciência divina com os falsos adoradores

A credibilidade do culto, na visão do profeta, é condicionada ao modo de vida dos adoradores. Esses podem contar com a paciência divina. Deus está sempre pronto a atender as orações de seus fiéis ricos, com o pré-requisito de se tornarem solidários com os fracos e indefesos.

Então, Deus se predispõe a tornar brancos como a neve os pecados escarlates e brancos como a lã os pecados vermelhos como o carmesim (v. 18). Trata-se de uma revolução magnífica no coração de quem busca ser-lhe fiel. Essa transformação interior está na dependência do indivíduo, fruto de um ato de liberdade. Entretanto, será preciso, em primeiro lugar, que tome consciência da necessidade de conversão. Aqui está o ponto mais difícil, pois os falsos adoradores estão seguros da correção do que fazem, por se respaldarem em uma teologia onde Deus se deixa enganar com a exterioridade do culto. A mudança de uma imagem de Deus para outra – de uma teologia para outra – não se faz, senão a duras penas. O trabalho do profeta Isaías consistiu em denunciar, com palavras contundentes, a “inutilidade” e a “perversão”²⁶ do culto praticado no Templo de Jerusalém, com o propósito de convencer seus contemporâneos, os ricos religiosos, da insensatez de seus rituais magníficos. Quem se deixasse convencer e desse uma guinada em sua vida, tornando-se defensor dos mais fragilizados da sociedade, experimentaria o perdão purificador de Deus.

26. Cf. ALONSO SCHÖKEL-SICRE DIAZ, 1998, p. 121.

“Se quiserdes obedecer, comereis o fruto precioso da terra” (v. 19) é a promessa feita a quem, sensatamente, se abre para o querer de Deus, apresentado com clareza nas palavras do profeta. A obediência seria penhor de bênçãos, representada pela prosperidade. Não a prosperidade fruto da injustiça e, sim, a que resulta de relações sociais justas, onde todos, sem exceção, são respeitados em sua dignidade, de modo especial, os fracos e indefesos por terem quem os defenda e tenha cuidado com eles.

Pelo contrário, aqueles que se recusarem e se rebelarem, terão uma triste sina: “serão devorados pela espada!” (v. 20). As palavras proféticas parecem ter como pano de fundo a guerra com sua força destruidora. Essa parece ser evocada com a palavra “espada”. Quem não teve compaixão com o próximo necessitado, será tratado sem compaixão pelos inimigos de Israel. Quem pensava prestar culto a Deus com seus muitos bens, sem entranhas de misericórdia para com o próximo, será espoliado e deixado na total penúria, se não for cruelmente assassinado. Quem oprimiu o próximo e o privou dos bens necessários para viver, por sua vez, será reduzido à mesma situação.

O profeta, em última análise, confronta os ricos religiosos de seu tempo com uma encruzilhada: a conversão com a conseqüente bênção prometida por Deus e a insistência na prática da injustiça a clamar por destruição. A decisão estava nas mãos dos adoradores e apelava para sua liberdade e responsabilidade. Cobia-lhes decidir!

As palavras conclusivas do oráculo são uma forma de juramento da parte de Deus. “Eis o que a boca de Iahweh falou” (v. 20) significa “Deus falou e o fará” ou “Essas palavras são dignas de crédito”. Quem se recusar a dar ouvidos ao profeta, prepare-se para enfrentar as conseqüências de sua decisão. Em todo caso, não se iludam de ter Deus a seu favor, só porque patrocina belas liturgias no Templo, com seus sacrifícios, holocaustos, oferendas e orações. Deus não se deixa engabelar por rituais, por mais belos que sejam. Importa-lhe, sim, o coração dos adoradores. Aí acontece o culto verdadeiro, celebrado na misericórdia e na solidariedade com os deserdados desse mundo²⁷.

Conclusão

As palavras do profeta do século VIII a.C., tão distantes no tempo e no espaço, são plenamente atuais. Assistimos o retorno de um liturgismo estéril, onde prevalecem a execução rigorosa das rubricas litúrgicas, a preocupação com as vestes e os paramentos eclesiásticos e os gastos despropositados com o espaço do culto e seus apetrechos. Ou, então, multiplicam-se as igrejas onde o culto a Deus se faz em meio a gritarias, apresentação de bandas e pregações que beiram

27. A realidade do culto praticado no templo reconstruído na volta do exílio não foi muito diferente do que acontecia no século VIII a.C. (cf. GALLAZZI, 1991, p. 55-69).

à histeria. Entretanto, existe comunidades religiosas cristãs com seus cultos sóbrios e suas liturgias despojadas, porém, com um defeito: a preocupação com a construção de um mundo mais justo está fora de suas pautas de interesse. O culto não tem força suficiente para motivar os fiéis à prática da caridade ou movê-los a abraçar um estilo de vida com densidade ética.

O texto do profeta Isaías pode servir de alerta para quem não quer perder tempo com cultos que estão longe de agradar a Deus. Pelo contrário, acabam por atrair a ira divina, pois Deus não aceita que seus adoradores sejam, ao mesmo tempo, agentes da injustiça e da opressão. Só quem se dispõe a abraçar um estilo de vida com forte acento na justiça e na solidariedade com os fracos e oprimidos, estará apto para realizar um culto agradável a Deus.

Bibliografia

- ALONSO SCHÖKEL, L.-SICRE DIAZ, J.L. *Profetas*, vol. I. São Paulo: Paulinas, 1988.
- BLANK, R. J. O Deus que desafia seu próprio culto. *Revista de Cultura Teológica* 10, 2002/n. 39, p. 39-53.
- BRACHTER, D. *An exegetical study of Isaiah 1:10-20*. Disponível em: <http://www.cri-voice.org/pdf/isa1-10.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2015.
- GALLAZZI, S. ‘De nada vale La grasa de los holocaustos’ – Una crítica al sacrificio del segundo templo. *RIBLA* n. 10, 1991, p. 55-69.
- GERSTENBERGER, E.S. *Israel no tempo dos persas*. Séculos V e IV antes de Cristo. São Paulo: Loyola, 2014.
- KÜHN, R., L’attitude des Prophètes vis-à-vis Du culte. *Teresianum*, 37, 1986, p. 263-286.
- LOWERY, R.H. *Os reis reformadores – Culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- SICRE, J.L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- SICRE, J.L. *Profetismo em Israel*. O profeta. Os profetas. A mensagem. Petrópolis: Vozes, 1996.
- VITÓRIO, J. Ética e Teologia no Antigo Testamento. In: *Enciclopédia Teológica Digital Latinoamericana*. Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=160>. Acesso em: 02 dez. 2015.
- WILLI-PLEIN, I. *Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2001.

Jaldemir Vitório
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto
31720-300 Belo Horizonte, MG
E-mail: jvitoriosj@faculdadejesuita.edu.br